cínio derivam, conforme já mencionado antes, dos postulados de seu quadro de referências teórico. Chary afirma e reitera insistentemente a sua fé no capitalismo moderno e progressista, como único sistema social capaz de proporcionar desenvolvimento com liberdade. Um sistema centralmente planificado e coletivista levaria forçosamente ao totalitarismo, despojando os indivíduos de sua liberdade e propriedade pessoais. Para fundamentar sua rejeição à planificação centralizada, o autor recorre a conceitos da teoria econômica, tais como: forças econômicas livres, **laissez-faire**, vantagem comparativa e equilíbrio natural, cuja capacidade analítica e explicativa são extremamente precárias, sendo sua validade aceitável apenas em retrospectiva histórica, e ainda assim, com a restrição de **coeteris paribus**.

Coerentemente com seu modelo, o autor subestima o papel da intervenção do poder público na economia, enquanto supervaloriza as funções da empresa privada, produtora de lucro — motor do desenvolvimento (p. 126). A idealização do papel dos empresários e administradores profissionais, como sujeitos engendradores do desenvolvimento, também parece **ex-tempore** face à dominação crescente dos setores mais dinâmicos da economia em países em desenvolvimento, pelas companhias multinacionais, as quais, devido a seu poder financeiro e o controle sobre a inovação tecnológica se tornaram, há muito tempo, em verdadeiros agentes de investimentos e assim, de crescimento econômico.

As recomendações práticas do autor, sugerindo a criação de centros de investimentos, orientando as empresas quanto às opções; centros de cooperativismo e centros de produtividade, devem ser analisadas contra o pano de fundo do processo global de desenvolvimento: quem inova, controla e decide na política econômica?

O livro do Prof. Chary, sistemático e bem elaborado, deve ser recomendado aos estudandes de economia e administração. Se suas análises e prescrições são de difícil aplicação no panorama econômico e social da atualidade, é porque as contradições e a crise latente do sistema transformaram radicalmente o cenário e puseram a nu a inocuidade das doutrinas neoclássicas.

Para enfrentar os problemas e desafios da economia mundial, em nossos dias, uma nova "visão do mundo" se torna necessária, baseada em premissas que afirmem os direitos básicos do ser humano, bem como a necessidade de uma reorganização do sistema econômico mundial, fundamentada numa alocação equitativa de todos os recursos e a coordenação racional da produção e distribuição em escala mundial. ■

Henrique Rattner

Great business disasters — swindlers, bunglers and frauds in American industry

— Por Isadore Barmash. New York, Ballantine Books Inc., 1972-73. 302 p. Brochura US$ 1.50.

O Prof. Lodi descreveu a escola do absurdo nos seus livros à guisa de definição global de uma série de livros sobre administração, tais como os três volumes de Parkinson, **Townsend's "Up the organization"** (Que viva a organização), **Kupferberg's 1001 métodos de ganhar dinheiro, Peter's principle**, etc.

Da mesma maneira, este livro pode ser a introdução da "Escola Negativa" ou da "Escola do Insucesso — ao menos no fim da carreira". Evidentemente que o autor não é o descobridor de tal escola pois muito antes, na Escola de Administração de Empresas da Harvard já se estudavam casos de insucesso, de grandes falcatruas e de erros imperdoáveis. Nunca, porém, houve um livro-texto sobre o assunto.

A propósito, lembro-me de um rápido quadro de um grupo de humoristas da Universidade de Stanford que parodiava um curso hipotético e um exame em "Failure I" (Insucesso I). Os insucessos eram divididos em insucessos globais ("Des-

culpe, pensei que o botão vermelho era do telefone, não do míssil''), insucessos totais (o candidato que perdeu três vezes a corrida para a presidência) e insucessos locais. Pois bem, eis um livro que poderia continuar os ensinamentos de tal curso. É claro que alguém iria protestar, argumentando que os casos deveriam ser ''nacionais'' e não importados. Realmente, digno de figurar nesse livro, pode ser citado o carnê ''Fartura'' de Kelleman, ou a história do Canguru-Mirim, da década de 1950, e a promoção de algumas empresas para a grande arrancada da bolsa em 1971. Talvez alguém com tese para escrever se habilite. No passado mais distante, durante a II Guerra Mundial, tivemos o escândalo das ''indústrias pesadas'' — de onde eventualmente deve ter evoluído a expressão ''da pesada''. Mas, com a falta de livros desse tipo, e com a tradução nacional de somente um único[1] — **Os honrados corruptos** — o nosso curso em ''Insucesso I'' ainda tem de esperar um pouco. Talvez uma tese baseada na leitura de artigos de revistas como **Expansão** nos ajudaria. Esta fez um apanhado realmente perfeito da decadência do mercado nacional de massa de tomates, de 80% para menos de 15%.

Isadore Barmash escreveu e ainda escreve para as páginas financeiras do **New York Times**. É dado como autor do livro **Benvindo ao nosso conglomerado — Você está despedido!** Na obra em epígrafe, compilou o que foi escrito nos jornais e revistas sobre 17 escândalos financeiros ou empresariais. O próprio autor também escreveu alguns capítulos, resumindo os ''ensinamentos'' e aventurando-se a dividir os homens de negócios mais escusos em três categorias: 1. calmo **(the quiet one)**; 2. insinuante **(smooth one)** que eventualmente passa a ser ''vigarista'', em vernáculo; 3. extrovertido **(brash one)**.

Infelizmente o autor pára com seu livro em 1970, deixando incompletos lindos exemplos que já deram origem a livros próprios, como o **Fund of funds, IOS** ou **Clifford Irving**, a **McGraw-Hill e Howard Hughes** na assim chamada biografia do financista, uma vigarice e tanto.

O livro tem os seguintes capítulos que enumeramos com a respectiva fonte do autor, parecendo cada um com um ''caso de administração''.

1. Introdução.

2. Um estudo em vigarice, ou A metamorfose de Philip Música, por Robert Shaplen, do **New Yorker**, de 29 de outubro de 1955.

3. Os tanques de fertilizantes que não existiam, ou Declínio e queda de Billie Sol Estes, do **Time**, 1962.

4. O talento de TINO, ou O grande escândalo da soja, **New York Herald Tribune**, de 8 de dezembro de 1963.

5. Um prejuízo líquido de US$ 350 milhões, ou O destino do Edsel, de John Brooks, do livro **Business adventures**.

6. O Sr. ''Imóvel'' cai, ao menos pelo momento, ou Bill Zeckendorf após a queda, por Elliot Bernstein, de **New York Magazine**, 1968.

7. Como dividir o bolo, ou A grande conspiração da indústria elétrica, pelo próprio autor. (O célebre caso da GE Westinghouse, etc.)

8. A maior dor-de-cabeça do Canadá — Atlantic Acceptance, ou Como mesmo os maiorais são atingidos, por M. G. Rossant, **New York Times** de 14 de novembro de 1965.

9. A consciência de quem está por dentro, ou Quanto você deve contar aos que estão por fora? — Um problema de comunicação da Texas Gulf Sulphur, e Merril Lynch. (Capítulo sem menção de autor, somente com quatro páginas — porém apareceu na época, na revista **New Yorker**, um tratamento extenso, claro, divertido e incriminante do caso.)

10. Edward M. Gilbert, o menino pródigo de Wall Street, ou Papai é rico mas eu quero um império todo meu, por McCandlish Phillips, **New York Times**, 24 de junho de 1962. (Esse caso teve seu epílogo no Brasil, com uma complicada extradição.)

11. A corretora que afundou, por Terry Robards, **New York Times** de 15 de março de 1970.

12. Empresas de micro-saias ficam descobertas, por Robert D. Hershey Jr., do **New York Times** de 12 de julho de 1970, sobre as empresas e sua caminhada glamurosa para a falência.

13. O computador da RCA é seu colapso, por W. David Gardner, de Datamation, Technical Publishing Co., 1972.

14. A matrícula da Companhia Nacional de Marketing por Estudantes. Uma nota de rodapé no valor de US$ 3.754.103,00, escrito por Andrew Tobias; do livro **O jogo divertido do dinheiro de brinquedo**; em inglês: **The funny money game**, de Play-Boy Press.

15. Bernie, o super-vendedor, ou O que aconteceu ao modo perpétuo de fazer dinheiro? do **Newsweek** de 6 de julho de 1970 sob o título Crise na I.O.S.

16. O maior descarrilhamento, ou O fim da linha da estrada de ferro Pensilvânia-Central de Nova York, após a fusão. Três artigos por, respectivamente, Robert E. Bedingfield, de julho de 1970, no **New York Times**, Fred L. Zimmerman, de 14 de julho de 1970, no **Wall Street Journal** e W. Stewart Pinkerton Jr. no mesmo **Wall Street Journal** de 30 de junho de 1970.

17. O escândalo da Equity Funding Corporation, por Isadore Barmash.

18. Epílogo: Apetite devorador.

Se o leitor já conhece o livro, nada mais existe para ser comentado; se não, ele será pela primeira vez exposto à maravilha do plano de "como ganhar numa concorrência pública de acordo com as fases da lua" (p. 154) e a outras maravilhas semelhantes. Como resenhista tive durante anos a fio a curiosidade de ver até que ponto o lado negativo do mundo de negócios pode ser exposto em público. Mas costumeiramente o esclarecimento só pode ser impresso após a publicação dos autos da justiça, pois de outra maneira haveria pressão legal e até ilegal por parte das grandes empresas. Veja-se, por exemplo, o caso de Ralph Nader, perseguido por detetives particulares quando estava a publicar seu livro **Unsafe at any speed**.

Assim, somente alguns casos aparecem nas revistas especializadas ou jornais de grande circulação: **Washington Post, New York Times, Boston Globe, The New Yorker, New York Magazine**, etc. A antiga **Saturday Review**, por exemplo, tinha um artigo sobre a arte de preparar sorvete, ou como vender sorvete sempre na forma de volume (litros ou mililitros) em lugar de peso, pois 40 a 45% do sorvete que se compra é constituído por ar cuidadosamente disperso na massa — o que se nota após derretê-lo e fazê-lo congelar de novo. Conceituado refrigerante, ainda de acordo com a revista, é o líquido preferido para a limpeza de adesivos e para outros usos.

Um livro dessa natureza deve ser acompanhado da leitura dos diversos volumes de Vance Packard[2] ou ainda de Breton.[3]

Acredito que esse tipo de livro deve ser constantemente lido por todos que se colocam dentro do mundo dos negócios. Mostra o que pode acontecer a quem se sentir superior ao próximo, subestimando a capacidade deste, querendo enganar o governo, o fisco, os acionistas, etc. Mais cedo ou mais tarde, infelizmente, quase todos eles são apanhados, ou terminam como começaram, isto é, com nada. Não quero parecer moralista, contudo essa leitura substitui todos os cursos de "ética de negócios". E no caso de um comportamento não ser contra a ética, mas contra o bom-senso (o caso do Edsel), temos um perfeito exemplo de diretrizes de negócios — com a vantagem de saber como terminou. Algumas vezes livros como este deveriam ser também leitura obrigatória para banqueiros, tendo-se em vista o que aconteceu no caso Sanderson, em que oito bancos entraram com mais de 300 milhões de cruzeiros na massa falida. Ou então, deve ser leitura obrigatória para o pessoal do CADE que no Brasil está às voltas com um caso da Brown Boveri, algo parecido com o do capítulo VII do livro.

■

Kurt Ernst Weil

1 Goodman, Walter. **Os honrados corruptos: os escândalos na grande indústria e no governo**. Ibrasa, 1969. Tradução de Olga Biar Laino, do inglês **All honourablemen** (305 páginas, com bibliografia).

2 Packard, Vance. **The pyramid climbers**. Middlesex. Inglaterra. Pelican Book, 1962. Do mesmo autor: **The waste makers**. Pelican. 1960; **The status seekers**. Pelican. 1969; **The hidden persuaders**. Pocket Books. 1957; **The naked society**. Pelican. 1964.

3 Breton, Myron. **The privacy invaders**. Crest Book, Fawcett, Greenwich, 1964.

O tenentismo em Sergipe

— Por José Ibarê Costa Dantas. Petrópolis. Editora Vozes Ltda. 1974.

1. Sergipe em inícios da década de 1920

Nessa primeira parte do livro, o autor proporciona uma visão de conjunto das duas décadas que precederam a emergência do movimento tenentista, analisando a situação política, econômica e social do Estado de Sergipe, no contexto mais geral da primeira república brasileira.

Quanto a situação política, o autor demonstra os reflexos da "Política dos Governadores" no estado em questão: descreve as intensas lutas inter-oligárquicas do primeiro decênio republicano, amainadas pela consolidação do domínio de uma fração oligárquica (a do Monsenhor Olympio Campos) que perdura até o interregno do Presidente Siqueira de Menezes, apoiado pelo Presidente da República, Hermes da Fonseca.

Após o período das "salvações", ascende nova facção oligárquica, liderada pelo Gen. Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão, que mantém a liderança até a eclosão da revolução de 1924.